

Salazar e Franco  
(de chapéu branco)  
durante um encontro  
em Mérida, em 1960.  
Entre ambos, o  
embaixador Marcelo  
Mathias

# AS CONTRADIÇÕES DO NACIONALISMO SALAZARISTA

Alterando o discurso oitocentista de «perigo espanhol»,  
o ditador português apostou tudo na aliança com o franquismo,  
antes de os dois regimes passarem a viver novamente de costas voltadas

por Manuel Loff\*

Dois regimes nascidos e consolidados na «era do fascismo» mas que não participaram diretamente na II Guerra Mundial e que não foram derrubados em consequência do seu desfecho, o salazarismo e o franquismo e os seus respetivos ditadores não são compreensíveis fora do âmbito do fascismo histórico. Para lá das disputas políticas e académicas sobre a natureza de ambos, tanto a sua gênese nos fascistas anos 20 e 30 como a longa duração de ambas as experiências políticas, durando trinta anos mais do que os demais fascismos europeus, constituem elementos centrais da sua definição histórica.

Assumindo-se como abertamente nacionalistas, ambos os regimes expressaram, pelo menos na propaganda, uma vontade imperial que lhes deveria servir para superar um posicionamento internacional periférico e dependente, produto de um longo processo histórico de perda de centralidade internacional. Neste âmbito, o projeto imperial que o franquismo quis protagonizar, incorporando inevitavelmente o velho «perigo espanhol» que desde havia tanto ameaçava a independência portuguesa (sobre o tema, veja-se toda a obra de Hipólito de la Torre), colocou graves problemas de coerência interna ao nacionalismo salazarista. Poderia parecer expectável que prevalecesse no discurso interior do Estado Novo o tom nacionalista do século XIX, que, como acontecia com os nacionalismos dessa geração, reexplicavam desde havia pelo menos um século a construção e a consolidação da identidade



GETTYIMAGES

O primeiro encontro em Sevilha Salazar só conseguiu convencer Franco a encontrar-se com ele em 1942

nacional como um processo de resistência a um vizinho histórico forte, no nosso caso Castela e ao processo unificador da Península que esta desenvolvera. Ainda hoje, o banal discurso nacionalista português (incluindo todo aquele que, sendo-o, se não apresenta como tal) explica assim a dinâmica expansionista portuguesa da época moderna. Contudo, perante a Guerra de Espanha (1936-39), o salazarismo incorporou muito mais uma outra corrente de pensamento nacionalista, de gênese antirrevolucionária, antiliberal e de raiz monárquica integralista, que teve em António Sardinha o defensor da tese de que «es imprescindible afirmar la unidad de civilización peninsular y

su indiscutible bloque ante los particularismos y las disidencias anárquicas de la edad contemporánea» e que denuncia «la tara más grave del patriotismo português, que, disminuyendo y ocultando todo lo que hay de universal en nuestro genio, parece instituir como condición fundamental de nuestra independencia un odio profundo, un odio ciego, un odio irracional a España». Os integralistas partilhavam com as direitas espanholas a tese de que o «imperialismo hispánico» estava «destinado a mantener en su sagrada inviolabilidad el tipo occidental de las nacionalidades creadas por nosotros», ameaçado pela «lucha inevitable de Asia con Europa», isto é, da Europa contra o «bolchevismo asiático».

### O ano crucial de 1936

O ano de 1936 é um momento crucial para a consolidação da ditadura portuguesa. Desde que a Frente Popular ganha as eleições espanholas (fevereiro de 1936) que Salazar faz quanto pode para apoiar a conspiração das direitas que organizam o golpe militar contra a República espa-

nhola. Uma vez iniciada a guerra, Salazar recusa-se a aderir ao Acordo de Não-Intervenção de iniciativa franco-inglesa, justamente no primeiro mês e meio de combates que se revelou imprescindível para a consolidação da facção dirigida por Franco. A seguir, resiste a integrar o Comité Internacional de Controlo enquanto tal serviu a Franco, e, quando acaba por entrar, não hesita em articular com os governos de Hitler e Mussolini a campanha diplomática a favor dos sublevados. Rompe relações diplomáticas com o governo republicano espanhol, ao mesmo tempo que fornece, ou ajuda a reunir, apoio logístico, financeiro e até militar para a chamada «embaixada negra» que dirige em Lisboa Nicolás Franco, o irmão do Caudillo. Opõe-se a todo o tipo de propostas de mediação internacional entre o governo republicano e os sublevados, por as considerar «incompreensíveis se, como supomos, ali se assiste à luta de duas civilizações ou de uma civilização contra a barbaria [sic]». Esta justificação é a que se lê na resposta de Salazar à proposta franco-britânica de mediação no conflito, 11.12.1936 (n.M.N.E., Dez Anos de Política Externa, 1936-1947, vol. III), o que incluiu pressionar diretamente o Vaticano quando a Santa Sé apoiou (maio de 1937) as tentativas franco-inglesas de mediação no conflito, e opôs-se ao plano britânico de «humanização da guerra» proibindo o recurso aos bombardeamentos aéreos, considerando-o uma «tentativa para gradual desarmamento» dos sublevados. Depois de levantar todo o tipo de obstáculos aos sucessivos planos de controlo de fronteiras terrestres e de fiscalização marítima na verificação do princípio de não-intervenção, Salazar decide reconhecer *de jure* o governo de Franco (maio de 1938) um ano antes da derrota republicana.

Em maio de 1939, mês e meio depois do triunfo franquista, perante a Assembleia Nacional, Salazar homenageou os «milhares de portugueses» que «abandonaram a sua vida, interesses e cómodos



EFE

Homenagem aos portugueses que participaram na guerra civil Plaza Mayor de Salamanca, junho de 1939

[e] foram combater pela Espanha, morreram pela Espanha», isto é, por Franco. «Orgulha-me que tenham morrido bem e todos – vivos e mortos – tenham escrito pela sua valentia mais uma página heroica da nossa e da alheia história. (...) Muitas vezes em oito séculos de vida Portugal lutou contra a Espanha ou contra os estados espanhóis para manter ou consolidar a sua independência; muitas vezes também lutou a seu lado contra terceiros.» Era este o caso: «Despendemos esforços, perdemos vidas, corremos riscos, compartilhámos sofrimentos; (...) Vencemos – eis



O embaixador Armindo Monteiro avisa Salazar de que a passagem de Franco à não beligerância pode significar a anexação de Portugal pela Espanha

tudo.» E não era pouco... (Discurso de Salazar perante a Assembleia Nacional, in SALAZAR, Oliveira. *Discursos e Notas Políticas, vol. III* (1938-1943), Coimbra: Coimbra Editora, 1943, p. 148.)

### O perigo de invasão

Comprometida a Espanha de Franco com o Eixo Berlim-Roma, e absolutamente tentada a seguir a Itália na entrada na guerra contra os Aliados mal percecionou a queda da França (junho de 1940), a opção abertamente ideológica, dificilmente compatível com o núcleo do discurso nacionalista português que antecedeu o seu regime, que Salazar assumira desde 1936, fez que os portugueses se arrissem inúmeras vezes a ver o seu país invadido por, entre outras, as mesmas tropas que tanto havia apoiado durante a Guerra Civil.

Que, por fim, Portugal não tenha sido invadido por espanhóis e alemães porque a Espanha nunca acabou por declarar guerra aos Aliados, em nada (ou em muito pouco) teve que ver com a intervenção de Salazar, ao contrário do que sustenta a narrativa banal que na história da política externa portuguesa se faz. São as prioridades de Hitler (viradas para leste a partir do final de 1940) e o predomínio militar aliado a partir de 1943 que reduzem a nada as veleidades franquistas. Em todo o caso, é no campo ideológico, e não no



Juntos Viva Itália, viva Alemanha, viva Portugal, num cartaz de Franco. Por cá, o jornal A Voz fez manchete com a vitória de Franco e o fim da guerra

**Cortejo em Lisboa** Na visita que efetuou em 1949, Franco desfilou num carro aberto



ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

daquele que habitualmente se chama o «interesse nacional», que há que buscar a explicação para o dogma que o ditador impõe ao seu regime de reiterada e sólida confiança na «sincera» amizade dos dirigentes franquistas pelos quais Salazar havia apostado tudo em 1936. Aquilo que o ditador descreve como sendo a «ameaça direta», nunca comprovada, de um iberrismo republicano, «não digo já à nossa estabilidade política mas à independência de Portugal, parte integrante do plano comunista das repúblicas soviéticas ibéricas» (Discurso de 1937, in SALAZAR, *Discursos...*, vol. II, 1935-1937, p. 279), pressupunha achar que teria cessado toda e qualquer tentação iberista por parte do próprio franquismo, agora revestido de um verniz imperial típico da retórica historicista de vários fascismos. Esta espécie de cegueira deliberada de Salazar atravessa os anos da Guerra de Espanha e os de 1940-41, quando diplomatas aliados e os próprios diplomatas portugueses em Madrid, em Londres e em Washington lhe transmitiam as suas suspeitas sobre as intenções espanholas nas negociações com Hitler sobre o futuro de Gibraltar, do Império Francês e do papel de Portugal na estratégia inglesa, nas quais a solidariedade claramente expressa pelo governo de Franco com o Eixo estava em contradição direta com a aliança, e dependência, de Portugal com/do Império britânico.

O pressuposto de Salazar é que Franco não pretende participar na Guerra Mundial e que resiste àquelas que julga ser as pressões alemãs. O ditador português chocará diretamente com quem, no seio do seu próprio regime, suspeita de Franco. É o caso de Armindo Monteiro, embaixador em Londres (1936-43) de-

pois de Salazar o substituir nos Negócios Estrangeiros, que o avisa de que a passagem de Franco à não beligerância, no verão de 1940, pode significar, não apenas a entrada na guerra ao lado do Eixo, mas a anexação de Portugal pela Espanha. Enquanto Monteiro se inscreve numa linha de continuidade com a conceção que o nacionalismo português contemporâneo tem da Espanha, Salazar, pelo contrário, agarra-se com unhas e dentes à única interpretação da política espanhola que lhe garante a coerência global das suas opções desde 1936: a de que não se enganou em ter apostado tudo por tudo do lado de Franco para que este eliminasse o «perigo comunista» e daqueles que ele descreve como «iberistas federalistas» espanhóis. O ditador português, que só consegue convencer Franco a encontrar-se com ele pela primeira vez em 1942, em Sevilha, parecia ter acreditado que com esta sua aposta o Estado Novo teria garantida gratidão suficiente para calar definitivamente a pulsão anexionista do nacionalismo conservador espanhol.

Se a II Guerra Mundial permitiu a Franco e a Salazar (mais a este do que àquele) ganhar espaço de autonomia in-

ternacional entre os dois blocos em confronto, o final da guerra e a derrota do nazi-fascismo cria um quadro internacional particularmente hostil, no qual os dois regimes são obrigados a lutar pela sua sobrevivência pagando um preço muito alto de perda de autonomia. O diferente grau de aceitação com que as potências ocidentais recebem os dois regimes, encarados como reminiscências dos fascismos derrotados, modela de novo o papel que cada um deles desempenha no relacionamento peninsular. A renovação, em 1949, do Pacto Ibérico assinado em 1939 e as visitas de Franco a Lisboa (1949) e de Salazar à Galiza (1950) marcam o apogeu de uma relação que a retórica ideológica descrevia como baluarte da «reserva moral do Ocidente», de um anticomunismo que passa a ser descrito como precursor daquele a que o Ocidente regressava depois da Grande Aliança antinazi estabelecida com a União Soviética durante a guerra, mas persistem as limitações estruturais da «amizade peninsular».

#### Adaptação ao novo quadro

Mas para ambas as ditaduras era fundamental mostrar, para dentro e para

fora da Península, a sua capacidade de adaptação ao novo quadro internacional. Por detrás do triunfalismo com que se apresentavam os êxitos diplomáticos, tornava-se muito evidente a contradição fundamental entre a retórica hipernacionalista e a evidente dependência em que os dois regimes caíram. Foi o que se revelou com a integração de Portugal na NATO (1949) depois de ter de ceder a contragosto bases a britânicos e a norte-americanos (1943-44), sem conseguir impor a entrada simultânea da Espanha, ao mesmo tempo que o antes abertamente antiamericano Franco cedia bases aos EUA (1953) para conseguir quebrar o isolamento internacional imposto em 1946 pela ONU, revelando estar disposto a «*acceptar numerosos desequilibrios, faltas de correspondencia y limitaciones a la libertad de acción exterior*». (V. livro de Ángel Viñas).

Os 30 anos que separam a vitória aliada e o 25 de Abril de 1974 são os que melhor refletem as reiteradas «costas voltadas», não tanto entre as duas sociedades, mas sim entre dois regimes e duas elites dominantes que sabiam como lhes era importante a hegemonia política e so-



**Santiago de Compostela, setembro de 1950** Depois deste, haveria ainda mais dois encontros de Salazar com Franco

em 1969, Franco evoluiu para posições descolonizadoras que agradavam ao mundo árabe e à América Latina, com os quais procurava diversificar relações e que o ajudaram a retomar, com grande aparato propagandístico, a reivindicação retórica de Gibraltar (desde 1957), o que levou ao reconhecimento da autonomia da

Guiné Equatorial (1963) e da sua independência (1968), sem deixar resolvido, até hoje, o problema do Sara Ocidental. Pelo contrário, Salazar optou por resistir a todo o custo a qualquer forma de descolonização, conduzindo os portugueses a 13 anos de uma Guerra Colonial (1961-74) combatida em três frentes africanas, mobilizando 900 mil homens e uma proporção desmedida de recursos.

Chegados ao final dos anos 60, quando Salazar abandona o poder, os dois regimes já não reuniam, ao contrário do que sucedera em 1936 ou em 1945, qualquer possibilidade de contribuir reciprocamente para a sua sobrevivência. ■■

Chegados ao final dos anos 60, quando Salazar abandona o poder, os dois regimes já não reuniam, ao contrário do que sucedera em 1936 ou em 1945, qualquer possibilidade de contribuir reciprocamente para a sua sobrevivência. ■■

\* **Manuel Loff** é investigador do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa e autor do livro *Salazarismo e Franquismo na Época de Hitler*

#### Para saber mais:

LOFF, Manuel, *O nosso século é fascista! O mundo visto por Salazar e Franco (1936-1945)*. ROS AGUDO, Manuel, *A grande tentação. Os planos de Franco para invadir Portugal*, trad. port., Lisboa: Casa das Letras, 2009. VIÑAS, Ángel, *Los pactos secretos de Franco con Estados Unidos. Bases, ayuda económica, recortes de soberanía*. Barcelona: Grijalbo, 1981, p. 274. TELO, António José, *Portugal e a NATO: o reencontro da tradição atlântica*, Lisboa: Edições Cosmos, 1996.

**O projeto imperial que o franquismo quis protagonizar colocou graves problemas de coerência interna ao nacionalismo salazarista**